

---

**POESIA E FRONTEIRA: COTIDIANO, VIDA, ARTE**

Poetry and Border: Everyday Life, Living, Art

Fabiana Giovani<sup>1</sup>Moacir Lopes de Camargos<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este artigo visa a discutir, a partir de um viés sociológico, as obras poéticas *Noite nu norte* (2011) e *Viento de Nadie* (2013), escritas em português, do poeta uruguaio Fabián Severo. Estas obras revelam a fronteira entre as cidades de Quaraí (Brasil, RS) e Artigas (Uruguai). Para analisar o trabalho com a linguagem presente nestas obras, tomamos como referencial norteador as discussões sobre a proposta sociológica para a análise poética de Volochínov (2013). Pudemos perceber com a análise dos poemas que estes retratam muito além das possibilidades gramaticais de uma dada língua. Foi possível observar que a língua, para o poeta, é completamente permeada por entonações vivas, avaliativas e por orientações sociais, com as quais ele luta no seu processo de criação estética. A partir dessas perspectivas, ele escolhe esta ou aquela forma linguística, esta ou aquela expressão, fazendo interagir língua e fronteira no diálogo entre vida, cotidiano e arte.

**PALAVRAS-CHAVE:** Poesia; português; fronteira; cotidiano; arte.

**ABSTRACT:** This paper aims to discuss, from a sociological bias, the work of Uruguayan poet Fabián Severo, written in Portuguese, more specifically, his books *Noite nu norte* (2011) and *Viento de Nadie* (2013). These poetic works reveal the frontiers between the cities of Quaraí (Brazil, RS) and Artigas (Uruguay). To analyze this poet's aesthetic artworks and his work with the language, we take as a guiding reference for this paper, the discussions on the proposal for poetic's sociological analysis by Volochínov (2013). We noticed from the poems' reading that they treat a lot far beyond the grammatical possibilities of a given language. It was possible to observe that the language, for the poet, is completely permeated by living intonations, evaluations and by social orientations with which he struggles in the aesthetic creation process. From this perspective, he chooses between this or that linguistic form, from this or that expression, by making language and frontier interact in the dialogue between living, the everyday life and the art.

**KEYWORDS:** Poetry; Portuguese; border; everyday life; art.

---

<sup>1</sup> Professora de Língua Portuguesa da Universidade Federal do Pampa, Campus Bagé, RS.

<sup>2</sup> Professor de Línguas da Universidade Federal do Pampa, Campus Bagé, RS.

*A vida não me chegava pelos jornais nem pelos livros  
Vinha da boca do povo na língua errada do povo  
Língua certa do povo*  
Manuel Bandeira, “Evocação do Recife”.

Falar da região de fronteira Brasil/Uruguai implica em trazer à tona uma discussão que tem provocado muitos debates: as línguas em contato nessa região. De um lado temos o espanhol (língua oficial do Uruguai) legitimado pela gramática de Nebrija, em 1492. Seria mera coincidência ser este o mesmo ano da invasão de Colombo? Com a primeira gramática em língua neolatina em mãos, os espanhóis possuíam uma arma a mais, além da fé e dos canhões.<sup>3</sup> Com isso, podemos perceber que a dizimação, não só da população autóctone, foi evidente, mas também houve um glotocídio em toda a América Latina.

De outro lado, o português (língua oficial do Brasil) foi imposto pela reforma do Marquês de Pombal, na segunda metade do século XVIII, para extinguir/proibir o uso da língua geral falada pela maioria do povo. Na região de fronteira do Brasil com os nove países latino-americanos cuja língua oficial é o espanhol há um constante embate entre essas duas línguas oficiais, o que resulta no portunhol (língua?), bastante usado no cotidiano daqueles que vivem nessas regiões fronteiriças. No entanto, apesar de ser usado pelos falantes em suas interações diárias, essa língua(gem) recebe muitas conotações negativas e sempre provoca risos. Vale ressaltar que o portunhol não é o mesmo (pois ele apresenta singularidades) em todas as fronteiras do Brasil com os vizinhos hispano falantes. E, em nosso caso, na fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai, não há somente um tipo de portunhol, pois cada local (cidades fronteiriças) possui suas idiossincrasias linguísticas.

Esse diálogo de países diferentes partilhando espaços, tendo contato com línguas e culturas diferentes, tem gerado, sobretudo nos últimos tempos com a implementação do Mercosul, estudos em diversas áreas do conhecimento. Interessa-nos, dentre estas discussões, o trabalho estético realizado com o portunhol, mais especificamente, as obras do poeta Fabián Severo,<sup>4</sup> nascido em Artigas (1981), cidade uruguaia.

A partir da leitura das obras poéticas *Noite Nu Norte* (2011) e *Viento de Nadie* (2013), propomos uma análise para essa poesia cotidiana, inovadora e escrita em portunhol, pois é esse “idioma que todos intenden”,

---

<sup>3</sup> Para maiores informações sobre esse tema, sugerimos a leitura de Vincent (1992).

<sup>4</sup> Maiores informações sobre o poeta ver o blog: <http://fabiansevero.blogspot.com.br/>

como afirma Severo. Estes livros nos convidam a um olhar poético para a vida na fronteira das cidades de Quaraí (Brasil) e Artigas (Uruguai), que estão “separadas” por uma ponte sob o rio Quaraí. Para as nossas reflexões, tomamos como principal referência as discussões sobre a proposta sociológica para os estudos do discurso poético advinda do pensador russo Volochínov (2013), integrante do círculo bakhtiniano.<sup>5</sup>

O poema, a partir desta proposta, é um processo e não uma coisa idêntica a si, tampouco um discurso monológico isolado, mas um texto que possui relações com os fenômenos vivos de uma enunciação cotidiana elementar, fruto de uma situação histórica viva, momento de uma narrativa social, conforme nos explica Volochínov (2013).

Sob a perspectiva deste pensador é possível aproximar-se da obra poética como um puro exercício linguístico, definido pelas possibilidades gramaticais de uma dada língua. No entanto, caso façamos esse exercício, por mais profundo que ele seja, isso não nos revelaria a riqueza das relações enunciativas que nos proporciona um poema. Na realidade, a língua, para o poeta, é completamente permeada por entonações vivas, avaliativas e por orientações sociais, com as quais ele luta no processo da criação e entre elas escolhe esta ou aquela forma linguística, esta ou aquela expressão.

Este artigo está dividido em três seções, sendo que a primeira traz a reflexão sobre os pilares teóricos que fundamentam a forma como concebemos a linguagem que permeia as relações do cotidiano, da vida e da arte. A segunda seção lança um olhar sobre a fronteira e as obras poéticas analisadas. Finalizando, apresentaremos as considerações finais.

## LINGUAGEM E SUA RELAÇÃO COM A “FRONTERA”

Compreendemos que a língua, a partir dos estudos de Bakhtin (2003), em sua totalidade concreta, no seu uso real, tem um caráter dialógico. Assim, nós, humanos, não temos acesso direto à realidade, uma vez que a relação que mantemos com ela é sempre mediada pela linguagem. O real se apresenta para as pessoas semioticamente, isto é, um dizer não se dialoga diretamente com os objetos, mas, sim, com outros dizeres que semiotizam o mundo.

---

<sup>5</sup> Não entraremos aqui em questões relacionadas à autoria, mas o texto principal que fundamenta a análise deste trabalho foi publicado, primeiramente, em português e intitulado “Discurso na vida e discurso na arte”, assinado por Bakhtin e Volochínov. Esta tradução foi feita para fins didáticos e publicada em português no ano de 1976. Há uma segunda versão denominada “Palavra na vida e palavra na poesia: Introdução ao problema da poética sociológica” (1926), assinada por Volochínov. Esta tradução foi realizada em 2013, com cotejo na tradução feita por Augusto Ponzio diretamente do arquivo em russo.

Trocamos signos que aparecem cercados, envoltos, embebidos em discursos outros que lhe precederam e vice-versa. Isso implica considerar que um discurso não está voltado para a realidade em si, mas para os discursos que a rodeiam. Para compreender o princípio constitutivo da linguagem é preciso estabelecer a diferenciação entre as unidades da língua e as unidades da comunicação verbal. Bakhtin (2003) explica que o sistema abstrato da língua não dá conta do modo de funcionamento real da linguagem. Nas palavras do autor:

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua (BAKHTIN, 2003, p. 125).

Os sons, as palavras e as orações são unidades da língua, portanto, são repetíveis. A fonética, a morfologia e a sintaxe são estudos de unidades da língua. De acordo com o autor, o que é importante é a interação verbal viva que acontece quando a língua está em uso, não nas gramáticas, dicionários ou nos manuais didáticos, mas, sim, na comunicação entre falantes, podendo esta ser oral ou escrita. Tomemos como exemplo, a partir de Volochinov (2013), o seguinte: a palavra “bem” pode ser repetida incontáveis vezes, pois é uma unidade da língua. Os enunciados, ao contrário, são unidades reais de comunicação e, portanto, são irrepetíveis, uma vez que são acontecimentos únicos e, a cada vez que se realizam, apresentam apreciação, entonação e acento próprios. O enunciado nada mais é do que a réplica de um diálogo, porque sempre que é produzido está fazendo parte de um diálogo com outros discursos. Sua fronteira é delimitada pela alternância dos sujeitos falantes.

Mas não é somente esse sentido de fronteira que será evocado aqui. Nesse trabalho, por tematizarmos a questão espacial Brasil/Uruguai, precisamos trazer uma outra compreensão da palavra fronteira. Dessa forma, sabemos que o mais comum é remeter esta palavra a um sentido de limite, divisão. Alvarez (2009) delinea o conceito de fronteira considerando três aspectos, a saber: o geopolítico, o social e o linguístico. O primeiro refere-se à fronteira como um lugar de divisão, de separação ou o lugar que determina o fim de um território. O segundo remete ao contato social entre os povos e à necessidade de trânsito e confluência entre os Estados. Já a última acepção — a linguística — remete, por um lado, ao ideal monolíngue dos Estados, tendo a língua como um forte fator nacionalista e, por outro, diz respeito às práticas

discursivas dos sujeitos dessas regiões que subvertem esse ideal monolíngue tão almejado nas escolas.

Corrêa (2012), a partir de uma pesquisa aplicada à região de fronteira Brasil/Uruguai (Aceguá), observa que a fronteira representa sim um limite, no entanto, vai além disso. Dessa forma, o sentido de fronteira ultrapassa a noção de limite, uma vez que as línguas, por exemplo, extrapolam os limites do território nacional. No caso da fronteira referenciada nos poemas analisados — Quaraí (BR) e Artigas (UY) — há a divisão terrestre estabelecida por uma ponte sobre o rio Quaraí, mas as pessoas têm trânsito livre entre as duas cidades, apesar de existir ali uma violência<sup>6</sup> que Fabián Severo ilustra através de seu poema intitulado “Vinte”:

Ontein me sacarum tudo lo que trasía de Cuaraf.  
Otra ves me quitarum tudo.  
Meu Deus, purqué tanta inyustisa.  
Me digo pra Negra, meu Deus.  
Eya tava isperando u aseite, a fariña, u asúcar.  
No pude neim pasá a erva pru mate da tarde.  
Ainda si fose roubado,  
mas era uma semana de trabaliu  
um bolso yeio con el suor da nosa frente.  
si Dios fuese artiguense  
no avía deiyado que los ombre  
me sacaram la bicicleta.  
Eu pidí por favor,  
eles diserum que era pra eu aprendé.

Otra semana pidindo fiado nu armasén du Brasilero  
camiñando pru molino  
yuntando as moeda pra i u sábado que viene  
faser um surtido en Cuaraf (SEVERO, 2011, p. 38).

O poema retrata a violência da qual falamos. Esta ocorre justamente em uma prática comum que é o “contrabando” de produtos (alimentícios, na maioria) entre as regiões fronteiriças. Atualmente, ainda é bastante comum essa prática por parte de uruguaios que comprem produtos

---

<sup>6</sup> Referimo-nos a uma violência simbólica, uma vez que transitar nesses lugares com o objetivo de comercializar produtos informalmente é considerado ilegal e denominado “contrabando”. Podemos encontrar essa mesma situação em outras regiões fronteiriças como, por exemplo, o caso dos quileiros (na cidade de Aceguá, também fronteira Brasil/Uruguai), o que é bem retratado no filme *El baño del Papa* (2007), dos diretores Enrique Fernández e César Charlone.

no Brasil<sup>7</sup> para revenda. Isso explica, em grande parte, as desigualdades socioeconômicas que sofrem os dois países, o que resulta nessas práticas comerciais consideradas ilegais e não previstas, por exemplo, nos planos do Mercosul.

É interessante notar que o eu lírico reclama pelo fato de Deus não ser artiguense, já que lhe roubaram a bicicleta e toda a comida que havia comprado no Brasil, inclusive a sua erva “pru mate da tarde”. Porém, a violência não é o bastante para pensar na fronteira entre as línguas, já que o poeta constrói o seu enunciado a partir do embate entre as duas línguas oficiais da fronteira (português e espanhol), o que dá origem ao portunhol.

#### POESIA DA “FRONTERA”

O que primeiro nos chama a atenção na poesia de Severo, escrita em portunhol, é que ela não se subordina a um sistema de regras de uma língua, tampouco se fecha em sistema, pois é uma língua livre, sem dicionário, sem gramática, sem um dono, ou melhor, tem donos: o povo que a usa de forma no cotidiano e a faz voar, rompendo os limites geográficos estabelecidos:

Miña língua le saca la lengua al dicionário  
baila una cumbia encima dus mapa  
y hace con la túnica y la moña una cometa  
pra voar, libre y solta por el cielo.

Artiga tiene una lengua sin

dueño

(SEVERO, 2011, p. 10).

O poema transcrito nos mostra que, com uma língua dançando como uma pipa pelo ar, o poeta não precisa se fechar em um território restrito e confinado dos jogos de palavras, rimas e símbolos, uma vez que ele possui uma competência total, multidimensional, que concerne à humanidade e à política, mas não pode se deixar submeter à organização política. Sua mensagem política implica ultrapassar o político, conforme nos explica Morin (2002).

---

<sup>7</sup> A compra de produtos uruguaios, por parte de brasileiros, não é comum na região que retratamos. Há, no entanto, contrabando de armas, produtos agrotóxicos, etc. vindos do Uruguai, o que se pode dar em grande escala e não informalmente, como acontece com os produtos alimentícios. Existe ainda a compra, por parte de brasileiros, de produtos importados nos *Free Shops* da fronteira Brasil/Uruguai para consumo ou revenda no Brasil.

Esse aspecto da poesia, de ir além das palavras, se dá pelo fato de que, no trabalho estético com a palavra, é necessário perceber que a língua possui uma substância verdadeira que surge pelo fenômeno social de sua interação verbal, realizada por meio de enunciados concretos ou enunciações. Então, reafirmamos que a substância “língua” não é um sistema abstrato de formas dado *a priori*, nem uma enunciação monológica, tampouco o ato verbal de sua produção (BAKHTIN, 1986).

Essa interação se dá pelo diálogo, entendido dentro da arquitetônica bakhtiniana não apenas como uma conversa entre pessoas, mas todo tipo de comunicação verbal. E sendo a língua constituída nos processos de enunciação, esta se dá pela interação de indivíduos socialmente organizados. Isso implica em dizer que a língua nasce no diálogo vivo do cotidiano, mas quando esta chega ao ambiente escolar, por exemplo, quem fala a língua do cotidiano nem sempre pode ser compreendido ou respeitado.

Yo no quiería ir mas en la escuela  
purque la maestra Rita, de primer año  
cada ves que yo ablava  
pidía pra que yo repitiera i disía  
*vieron el cantito en su voz, así no se debe hablar*  
i todos se rían de mim  
como eya pidía que yo repitiera  
yo repitía i eyos volvían se ri (SEVERO, 2011, p. 54).

Neste excerto vemos a questão da ideologia hegemônica imposta pelas línguas ensinadas nas escolas das cidades de fronteira: espanhol e português, com as regras gramaticais para o bem falar e escrever. Entre essas línguas oficiais surge o portunhol (com *cantito*, uma forma que *no se debe hablar*), sem gramática e sem dicionário, que definimos língua com recursos expressivos em um sistema aberto a partir dessas línguas oficiais em contato — português e espanhol. Mas recusar o portunhol, essa língua viva do cotidiano, revela que não é possível uma sociologia que não considere a ideologia que perpassa as relações humanas, assim como também não é possível um estudo dos textos literários que deixe de lado a questão da linguagem (GERALDI, 2013, p. 8).

A recusa ao portunhol e o riso que este provoca podem ser entendidos pelo fato de esta língua estar do outro lado, isto é, no nível da ideologia do cotidiano que está no plano da vida, da oralidade inefável. Mas, cabe salientar que o portunhol nasce da interação com os falantes, ou seja, na alteridade; e esta é o lugar mais visível do ato estético (a poesia, no nosso caso): “Todos nos semo da frontera / Como esses pássaro avuando de la pra qui / Cantando un idioma que todos intenden” (SEVERO, 2011, p. 91).

Neste excerto, percebemos que a linguagem é entendida mais além das palavras, diferente do que afirmava Saussure, que a colocava no plano da fala, do cotidiano, da oralidade, e a descartava em seus estudos, por ser heterogênea. Ao contrário, para Bakhtin e seu Círculo, justamente por a linguagem ter estas características, ela merece atenção. E, uma vez que esta linguagem entra no discurso literário, este pode transmitir com muito mais sutileza que os demais discursos todas as transformações na interorientação sócio verbal (BAKHTIN, 1986, p. 153). Como explica o pesquisador Geraldí (2013, p. 9):

Nos processos interativos trabalhamos, na relação com a alteridade, com recursos expressivos para compor ora textos extremamente referenciais, ora para compor textos ficcionais que construindo um mundo próprio nos falamos do mundo que não é, que não existe, para nos fazer compreender com maior profundidade ou apanhar outros ângulos o mundo que é.

Para Marr (apud VOLOCHÍNOV, 2013, p. 234), “a língua é criação do coletivo humano”. Assim, essa definição contempla o portunhol que é criado pelos brasileiros e uruguaios que circulam e compartilham seus espaços sociais cotidianamente. E é justamente nessa interação entre as pessoas que surge essa língua híbrida: o portunhol. Se essa língua vinda do povo, da boca do povo, “língua errada do povo”, como poetiza Manuel Bandeira, é considerada torta, subversiva, fora dos padrões estabelecidos, ela serve ao poeta para narrar suas memórias e suas histórias vividas na fronteira, como podemos notar no poema<sup>8</sup> “Uno”: “Vo iscrevé las lembrança pra no isquecé”. (SEVERO, 2011, p. 15)

Então, para analisarmos esses poemas em portunhol, também devemos atentar para uma outra concepção de literatura, diferente daquela que elege os cânones literários. Rancière (1995), ao discutir sobre as concepções de literatura a partir do renascimento, nos mostra como esse conceito sofreu alterações, passando de uma imitação dos clássicos gregos e latinos a um processo criativo. Mas este pesquisador francês não ressalta o processo criativo com a linguagem que queremos evidenciar. Em nossa perspectiva, a criação estética tem como nascedouro as vivências cotidianas,<sup>9</sup> ou seja, o sujeito traz para a sua linguagem poética as experiências vividas.

Segundo Leite (2004), ao pensarmos em concepções de literatura e sua relação com a língua, uma das primeiras definições possíveis é a da

---

<sup>8</sup> Alguns títulos de poemas estão em itálico na obra original. Optamos por não alterá-los.

<sup>9</sup> Essa ideia pode ser relacionada com a ideologia do cotidiano que se (inter)relaciona com a ideologia hegemônica, citada anteriormente. Sobre essa discussão, ver Bakhtin (1986).

literatura como instituição nacional, como patrimônio cultural, o que nos leva a compreender a literatura nacional vinculada a uma língua nacional. Então, se pensamos na relação entre estas, podemos concluir que uma literatura nacional veicula e reafirma uma língua nacional, como analisa a pesquisadora Wimmer (2007). Sendo assim, esses patrimônios necessitam ser preservados, cuidados. Por outra parte, o que não está na literatura nacional também não serve para a língua nacional, ou seja, o que subverte esse ideal deve ser descartado.

No entanto, ao tratarmos de fronteira — um contexto de línguas em embate — esse conceito de literatura nacional não nos serve, pois o que prevalece na maioria das vezes em espaços fronteiriços é o hibridismo linguístico-cultural. Dessa forma, poderíamos pensar a literatura “como qualquer texto, mesmo não consagrado, com intenção literária, visível num trabalho da linguagem e da imaginação, ou simplesmente esse trabalho enquanto tal” (LEITE, 2004, p. 21).

No discurso poético de Fabián Severo, que compõe o mundo da arte, podemos ver o mundo da visão estética e sua relação com o mundo real. Conforme nos explica Bakhtin (2010, p. 124),

A unidade do mundo da visão estética não é uma unidade de sentido, não é uma unidade sistemática, mas uma unidade concretamente arquitetônica, que se dispõe ao redor de um centro concreto de valores que é pensado, visto, amado. É um ser humano neste centro, e tudo neste mundo adquire significado, sentido e valor somente em correlação com um ser humano, somente enquanto tornado desse modo um mundo humano. Toda a existência possível e todo o sentido possível se dispõem ao redor de um ser humano como centro e valor único; tudo — e aqui a visão estética não conhece limites — deve estar correlacionado a um ser humano, deve tornar-se humano (BAKHTIN, 2010, p. 124).

Quanto ao herói<sup>10</sup> dessa visão estética, ele pode apresentar valores negativos ou, inclusive, rir de si mesmo. Em vários poemas percebemos

---

<sup>10</sup> Ainda que não seja nosso foco, nesta análise, para refletir especificamente sobre a questão do herói da obra, podemos referenciar Bakhtin e Volochínov sobre a questão. O primeiro afirma que “o autor não só vê e sabe tudo quanto vê e sabe o herói em particular e todos os heróis em conjunto, mas também vê e sabe mais do que eles, vendo e sabendo até o que é por princípio inacessível aos heróis; é precisamente esse excedente, sempre determinado e constante de que se beneficia a visão e o saber do autor, em comparação com cada um dos heróis, que fornece o princípio de acabamento de um todo — o dos heróis e o do acontecimento da existência deles, isto é, o toda da obra” (BAKHTIN, 2003, p. 32). O segundo explica que “na nossa enunciação cotidiana simplificada, este terceiro participante — herói de uma obra verbal — ainda não

como o poeta ri de sua situação de dificuldades em diversos momentos de sua vida adulta e infantil. Esse rir de si mesmo é quando o estético se instala, pois o olhar se volta para o herói, como podemos perceber excerto do poema “Trintiuno”:

A mim me gustava los cumpleaños  
aunque casi nunca podía i.  
Asvés no tiña ropa, asvés no tenía regalo.

Cuando nos podía comprá regalo  
nos comprava bombacha, calsonsiyo o meia.  
Si el cumpleaños era de niña  
i nos noum tiña dinheiro  
nos agarrava alguna joya de las madre  
(SEVERO, 2011, p. 52).

Esse excerto do poema nos mostra que o olhar do poeta focaliza um momento da vida infantil (festa de aniversário), o que é possível devido ao seu excedente de visão, ou seja, por meio do acesso às suas memórias ele pode rememorar acontecimentos de sua vida graças a sua posição exotópica em relação ao passado do qual ele se distancia. Isso o permite fazer um recorte de fatos anteriores de sua vida os quais, pelo fato de estar no presente, pode poetizar e até rir deles.

Conforme nos explica Bakhtin (1987), o riso é libertador, pois ele relativiza as verdades e suspende, ainda que simbólica e temporariamente, as relações hierárquicas de poder,

verdadeiro riso, ambivalente e universal, não recusa o sério, ele purifica-o e completa-o. *Purifica-o do dogmatismo*, do caráter unilateral, da esclerose, do fanatismo e do espírito categórico, dos elementos de medo ou intimidação, do didatismo, da ingenuidade e das ilusões, de uma nefasta fixação sobre um plano único, do esgotamento estúpido. O riso impede que o sério se fixe e isole da integridade inacabada da existência cotidiana. Ele restabelece essa integridade ambivalente. Essas são as funções gerais do riso na evolução histórica da cultura e da literatura (BAKHTIN, 1987, p. 105, grifo nosso).

---

aparece de todo definido: a entonação já assinala com toda claridade seu lugar, mas ele carece ainda de equivalente semântico e permanece não nomeado” (VOLOCHÍNOV, 2013, p. 83).

Diante de todas as vicissitudes impostas pela vida na fronteira, o riso vem como forma de aliviar as adversidades, as tensões cotidianas: “Asvés no tiña ropa, asvés no tenía regalo”. Assim, até as crianças podem rir com o poeta que ri de si mesmo, em um evento social tão comum que é uma festa de aniversário para crianças. E quando adulto, ele ainda terá guardados em sua memória os risos livres dos tempos de infância, de suas travessuras: “Si el cumpleaños era de niña /i nos noum tiña dinheiro/ nos agarrava alguna joya de las madre”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para tecer algumas breves considerações e dar um acabamento provisório ao diálogo que aqui propomos, tendo em vista que o tema da fronteira e linguagem não se esgota em um texto de pequena extensão como este, ressaltamos a relação entre esses dois aspectos que o poeta enfatiza em seu poema “Treinticuatro”:

Mi madre falava mui bien, yo intendía.  
*Fabi andá faser los deber*, yo fasía.  
*Fabi traseme meio litro de leite*, yo trasía.  
*Desí pra doña Cora que amañá le pago*, yo disía  
Deya iso gurí i yo deiyava.

Mas mi maestra no intendía.  
Mandava cartas en mi caderno  
todo con rojo (igualsito su cara) I asinava imbaiyo.  
Mas mi madre no intendía.  
*Le iso pra mim ijo* i yo leía.  
Mas mi madre no intendía.

*Qué fiseste meu fío, te dice que te portaras bien*  
i yo me portava.  
A istoria se repitió por muintos mes.  
Mi maestra iscrevía mas mi madre no intendía.  
Mi maestra iscrevía mas mi madre no intendía.  
Intonces serto día mi madre intendió y dise:  
*Meu fío, tu terás que deiyá la iscuela*  
i yo deiyé. (SEVERO, 2011, p. 58, grifos do original).

Este poema evidencia de forma explícita o rechaço da instituição escolar pela língua (portunhol) falada no cotidiano dos sujeitos fronteiriços. Embora eles sejam capazes de interagir nessa língua e realizar todas as suas tarefas necessárias (seja no âmbito familiar ou social como no poema acima), a escola obriga o aluno a se encaixar em um modelo padrão, em um desejado ideal monolíngue: ou a língua de Pombal ou a de Nebrija. O resultado disso é a evasão: “Meu ffo, tu terás que deiyá la iscuela / i yo deiyé”, um grave problema não somente nas regiões de fronteira como retrata o poema, mas em todo o Brasil.

No entanto, a poesia de Fabián Severo, explicitamente, denuncia essa negação que a escola faz ao sujeito que teima em querer contar sua história, dizer a sua voz em sua língua. Então, em forma de poesia, o cotidiano, revelado pelo portunhol, se transforma em arte para mostrar que devemos usá-la e acreditar em seu potencial transformador (seja a arte clássica ou cotidiana) para pensarmos e nos aproximarmos na possibilidade, ainda que utópica, da construção coletiva de um novo sujeito, sobretudo quando trabalhamos com educação (BENITES et al., 2006).

Nas contrapalavras de Geraldí (2010, p. 115-116, grifo nosso), a partir de suas compreensões bakhtinianas sobre alteridade, podemos entender que:

Quando o nosso olhar para as construções estéticas deixarem de lado as classificações que tornam desigual tudo que é diferente — a *escultura deles é “artesanato”*; o *poema deles é literatura de cordel*; as *artes plásticas deles são ingênuas*; a *crítica deles é ideologia* —, talvez reencontremos na experiência estética o que de comum compartilhamos como homens — a *capacidade de criar*. Para isso, é necessário lutar contra as desigualdades e abrir-se para enfrentar o inusitado.

À guisa de conclusão, entendemos que a criação estética com que nos brinda Severo com sua literatura diferente, em portunhol, é um convite para enfrentar essa inusitada língua cotidiana de fronteira, pois é nessa linguagem nascida da boca do povo que ele denuncia as desigualdades, as injustiças socioeconômicas, as institucionais e as regras políticas que nos impõe o capitalismo desumano, como podemos perceber no seguinte poema:

Si a frontera noum fosse uma frontera  
as pedra preciosa que pisamo  
enyenarían nossos prato.  
Mas aqui us patrón  
tapan con gayeta veia

a boca da yente,  
i cuelgan a inyustisa nu pescueso (SEVERO, 2013, p. 42).

E vale lembrar que essas evidências (ou *inyustisa*, que aparecem como colares no pescoço das pessoas, explicitadas pelo poema) não são exclusividades da fronteira aqui retratada, mas visíveis em todo o continente latino-americano, apesar de muitos fecharem os olhos a elas.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVAREZ, Isaphi M. Jardim. *Falar apaisanado: uma forma de designar as línguas de fronteira*. 2009. Dissertação (Mestrado em Letras) Letras, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2009.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética de la creación verbal*. Trad. Tatiana Bubnova, 2. ed. Buenos Aires: Siglo XXI, 2008.

\_\_\_\_\_. *Para uma filosofia do ato responsável*. Trad. Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos, SP: Pedro e João Editores, 2010.

\_\_\_\_\_. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

\_\_\_\_\_. *A cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de François Rabelais*. Trad. Yara F. Vieira. São Paulo: Hucitec; Brasília: Universidade de Brasília, 1987.

\_\_\_\_\_. (V. N. Volochínov). *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara F. Vieira, 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1986.

BENITES, Maria et al. *Transgressões convergentes: Vigotski, Bakhtin, Bateson*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2006.

CORRÊA, Jocielle Barcelos. *Jogo entre identidades sociais e locais: um estudo de caso com sujeitos de origem germânica na zona de fronteira Brasil/Uruguai*. Monografia (Especialização em leitura e escrita) Universidade Federal do Pampa, Campus Bagé, RS, 2012.

GERALDI, João Wanderley. Literatura e linguística: outros campos, outros saberes. In: *XI Seminário Nacional de Literatura, História e Memória e II*

*Congresso Internacional de Pesquisa em Letras no Contexto Latino-Americano*. Cascavel, PR: Universidade do Oeste do Paraná, 2013.

\_\_\_\_\_. *Ancoragens – estudos bakhtinianos*. São Carlos, SP: Pedro e João Editores, 2010.

LEITE, Lígia C. M. Gramática e literatura: desencontros e esperanças. In: GERALDI, João Wanderley (Org.). *O texto na sala de aula*. 3. ed. São Paulo: Ática, 2004.

MORIN, Edgar. *Amor, poesia, sabedoria*. Trad. Edgar Assis de Carvalho, 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

RANCIÈRE, Jacques. *Políticas da escrita*. Trad. Raquel Ramalhete et al. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de linguística geral*. Trad. Antônio Chelini et al., São Paulo: Cultrix, 1995.

SEVERO, Fabián. *Viento de nadie*. Montevideo: Rumbo Editorial, 2013.

\_\_\_\_\_. *Noite nu norte, noche en el norte: poesia de la frontera*. Montevideo: Rumbo Editorial, 2011.

VINCENT, Bernard. *1492: Descoberta ou invasão?* Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

VOLOCHÍNOV, Valentin N. Sobre as fronteiras entre poética e linguística. In: *A construção da enunciação e outros ensaios*. Tradução, organização e notas de João Wanderley Geraldi. São Carlos, SP: Pedro e João Editores, 2013, p. 213-49.

\_\_\_\_\_. Palavra na vida e na poesia. Introdução ao problema da poética sociológica. In: *A construção da enunciação e outros ensaios*. Tradução, organização e notas de João Wanderley Geraldi, São Carlos, SP: Pedro e João Editores, 2013, p. 71-100.

WIMMER, Norma. Um texto de fronteira: Meu Tio Roseno, a cavalo. *Ráido* (UFGD), v. 1, n. 2, 2007, p. 143-7.

Data de recebimento: 30 de dez. de 2016

Data de aprovação: 30 de abr. de 2017